

SIMPÓSIO AT033

AS FIGURAS DE RETÓRICA: UM ESTUDO DA ARGUMENTAÇÃO NA LETRA MUSICAL “MENINAS DA AMAZÔNIA”

VIDAL, Luanny Maria Almeida
PUC/SP
prof.luanny@gmail.com

Resumo: Este trabalho toma como tema a mulher amazônica em letras musicais. Assim, tem como objetivo a identificação das figuras de retórica como fator argumentativo na música popular amapaense. Dessa maneira, considera-se a figura como operação enunciativa para intensificar ou suavizar o sentido de algum elemento do discurso. Busca-se, então, demonstrar como as figuras funcionam como reforço para a sedimentação do *ethos* das mulheres ribeirinhas, como contribuem na intensificação do *logos* e de que maneira ativam os elementos patéticos no auditório. Como base teórica, elegemos Aristóteles (2003), Reboul (2004), Meyer (2007), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), Fiorin (2014; 2015) e Ferreira (2015). Tomamos como objeto de investigação o texto verbal e selecionamos, para análise, a letra da canção “Meninas da Amazônia”, do compositor Zé Miguel, gravada durante a década de 90 e amplamente divulgada por meio das rádios amapaenses. A análise, de cunho qualitativo, revela que as figuras contribuem significativamente no processo de persuasão, sobretudo pelo apelo passional. Esta investigação é parte da pesquisa sobre a construção histórica do *ethos* das mulheres ribeirinhas, do Estado do Amapá, Brasil, em letras das músicas populares amapaenses (MPAs) que objetiva contribuir para a compreensão da presença e dos efeitos argumentativos do uso das figuras retóricas em letras de canções populares brasileiras.

Palavras-chave: Retórica; Letras de canções populares; Argumentação; Figuras de Retórica.

Abstract: This work takes as its theme the Amazon woman in musical lyrics. Thus, it aims to identify rhetorical figures as an argumentative factor in amapaense popular music. In this way, the figure is considered as an enunciative operation to intensify or soften the meaning of some element of discourse. It seeks to demonstrate how the figures function as reinforcement for the sedimentation of the ethos of the riverside women, how they contribute to the intensification of the logos, and how they activate the pathetic elements in the auditorium. As a theoretical basis, we chose Aristotle (2003), Reboul (2004), Meyer (2007), Perelman and Olbrechts-Tyteca (2014), Fiorin (2014, 2015) and Ferreira (2015). We took as an object of investigation the verbal text and we selected, for analysis, the lyrics of the song "Girls of the Amazon", by the composer Zé Miguel, recorded during the 90's and widely disseminated through amapaenses radios. The qualitative analysis reveals that the figures contribute significantly in the process of persuasion, above all by the passionate appeal. This research is part of the research on the historical construction of the ethos of the riverside women, from the State of Amapá, Brazil, in lyrics of popular amapaenses (MPAs) that aims to contribute to the understanding of the presence and the

argumentative effects of the use of rhetorical figures in lyrics of popular Brazilian songs.

Keywords: Rhetoric; Lyrics of popular songs; Argumentation; Rhetorical Figures.

Introdução

O tema deste texto é a construção do *ethos* das mulheres ribeirinhas do Amapá. Para tanto, selecionou-se a letra de canção “*Meninas da Amazônia*”, do compositor Zé Miguel (1990), analisada à luz da teoria da Retórica e Argumentação. De acordo com Cano (2000), a retórica sempre influenciou os compositores, para Reboul (2004), as canções são vinculadas à sonoridade, empregada para agradar, comover, convencer e incitar as paixões no auditório que, por sua vez, é levado à persuasão, em parte devido ao fator racional e, majoritariamente, por força dos fatores afetivos e emocionais promovidos no discurso. Nesse contexto, os compositores utilizam diversas técnicas argumentativas para persuadir um auditório particular, uma vez que trabalham o contexto físico e humano de uma região para destacar o discurso que dele emana.

1.1 A Constituição do *ethos* das mulheres ribeirinhas Amapaenses

O Amapá localiza-se no extremo Norte do país e encontram-se poucas pesquisas sobre o *ethos* das mulheres ribeirinhas dessa região na perspectiva da Retórica e Argumentação. O contexto ribeirinho se molda a partir de agrupamentos, pois a população forma, muitas vezes, grandes povoados que vivem às margens de rios, igarapés e riachos. É muito comum encontrarmos, na região Amazônica, comunidades com uma mesma trajetória de enfrentamento, desafios sociais e econômicos ligados à falta de saneamento básico, atendimento na área da educação, saúde e segurança pública.

As famílias ribeirinhas do Estado do Amapá vivem, principalmente, do extrativismo, atualmente concentrado na exploração de produtos como a palmeira, da qual são extraídos o vinho do açaí e o palmito, além da castanha do Brasil. Considerem-se, ainda, os fatores naturais como cheias e vazantes

que, em alguns períodos do ano, limitam o espaço para as plantações e provocam evasão dos peixes. Esse contexto geográfico e humano explicita-se no discurso sobre os habitantes ribeirinhos, pois, como afirma Ferreira (2015, p. 31) o contexto retórico é uma reunião de fatores importantes, tais como o tempo, a história, a cultura, a sociedade, dentre outros e, nesse sentido, ecoa uma fala que é produto desse *modus vivendi*.

1.2 As figuras de retórica na letra da canção

As figuras de retórica não são mera ornamentação do texto ou dão elegância ao discurso, mas, sim e, sobretudo, tecem um percurso argumentativo. As qualidades estéticas, então, criadas na elocução, reforçam o poder persuasivo. A metáfora, a metonímia, a sinédoque ou a repetição e demais figuras são, de acordo com Fiorin (2014, p. 10), mecanismos de construção do discurso, “operações enunciativas para intensificar ou suavizar o sentido de algum elemento do discurso”. Na visão de Abreu (2009, p. 109), as “figuras retóricas são recursos linguísticos utilizados especialmente a serviço da persuasão”. Para Reboul (2004, p. 114), as figuras são utilizadas sempre para expressar o prazer que elas podem transmitir. São, pois, do campo do *delectare*.

Para a dupla Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) as figuras estão categorizadas somente em três grupos: figuras de escolha, figuras de presença e figuras de comunhão. As figuras de escolha têm a sua relevância na interpretação (definição, perífrase, sinédoque, metonímia, antonomásia, prolepse, retificação, correção, metáfora). As figuras de presença têm por efeito tornar presente, na consciência, o objetivo do discurso (sinonímia ou metábole, onomatopeia, hipotipose). As figuras de comunhão são aquelas por meio das quais, mediante procedimentos literários, o orador empenha-se em criar ou confirmar a comunhão com o auditório (alusão, citação, apóstrofe). Amiúde, essa comunhão é obtida a mercê de referências a uma cultura, a uma tradição ou a um passado comum.

Em busca pela argumentatividade que essas figuras de retórica refletem nos textos, partiremos para a análise da letra da canção.

2. Análise

Zé Miguel: Meninas Da Amazônia (1990)

Nas viagens que faço
Por estas paisagens
Vejo coisas encantadas que jamais
Eu veria na cidade
Há meninas na Amazônia
Tão bonitas tão carentes
A seguir navios
São o espírito de um povo
Que anseia pela liberdade
O pão certo, a mesa farta, o sabor
De viver felicidade
Há meninas na Amazônia
Que não sabem das loucuras
Que rolam na cidade
Há meninas na Amazônia
Que a gente não vê pela cidade
Há meninas na Amazônia
Que a gente só vê nos rios
A seguir navios... A seguir navios...
São o espírito de um povo...

<https://www.lettras.mus.br/ze-miguel/meninas-da-amazonia/>

Para análise da canção, é importante ressaltar que como a mulher não tem voz no texto, seu *ethos* é construído, no discurso, pelas impressões do orador. O *ethos*, aqui, então, é aquele, considerado por Meyer (2007), como imanente: a projeção da imagem que deve ter o *ethos* aos olhos do auditório. Trata-se de uma representação construída a partir das emoções do orador – *pathos* - e, por ser prévio, condiciona a construção do *ethos* da ribeirinha que carrega em si discursos outros ligados à história do feminino e impõe o peso histórico-discursivo de um *ethos* prévio mais amplo: o feminino. Assim, o *ethos* construído é exterior ao discurso, embora tecido no interior do discurso pelo filtro poético que o traz à luz.

Os primeiros versos do poema situam o orador, um viajante que percorre paisagens e as vislumbra de modo contrastivo e tons poéticos: “*Nas viagens que faço/Por estas paisagens/Vejo coisas encantadas que jamais/Eu veria na cidade*”.

A comunhão com o auditório se dá por meio da figura alusão: é enfatizado o encantamento encontrado nas paisagens campestres que constituem o fator fundamental para enaltecer as “coisas” e as contrapor ao modo de viver nas grandes cidades. Ressalte-se que a visão é o elemento fundamental para traçar o tempo e o espaço geográfico: *Vejo coisas... que jamais veria*. É pelo olhar atento que o orador demonstra a força de sedução e a potência encantadora de uma região. Ademais, “as coisas encantadas” demonstram que o orador se vê, seduzido, deslumbrado e maravilhado e a alusão, então, remete o auditório às crenças de alguns indígenas e caboclos sobre seres que, animados por forças desconhecidas, habitam o céu, as selvas, as águas ou os locais sagrados.

Como o exórdio é a parte introdutória do discurso, o orador destaca o fazer (viagens que faço) e o ver para praticar a *captatio benevolentiae*, para explorar o discurso laudatório e movimentar os argumentos patéticos, aqueles que despertam as emoções e as paixões do auditório. O fragmento assinala, ainda, a figura paradoxo, pois indica a posição do orador em uma perspectiva fortemente ligada ao encantamento do campo em contraste com a rudeza da cidade. A imagem antitética (campo x cidade), então, dá o tom do argumento esperado e essa é a uma das figuras retóricas que sustentará o argumento que se encontra na narração.

No cenário criado pelo encantamento, o orador situa as “meninas” ribeirinhas, que simbolizam, metonimicamente, o espírito do Norte e vivem, expressivamente, em meio a florestas e rios, desfilando o belo e demonstrando carência e ânsia de liberdade: “*Há meninas na Amazônia/Tão bonitas tão carentes/A seguir navios/São o espírito de um povo/Que anseia pela liberdade*”.

Como a letra da canção “Meninas da Amazônia” foi, primordialmente, escrita em uma linguagem metafórica, o verso “*a seguir navios*” aponta para o futuro, assim como resume a carência e ânsia indicada e traduzida nos demais versos que indicam desejo ainda não alcançado, traduzido em “liberdade”: “*São o espírito de um povo/ Que anseia pela liberdade/O pão certo, a mesa farta, o sabor/De viver felicidade*”. O sentido de liberdade ansiada vigora fortemente no poema, pois não se restringe ao desejo feminino, já que, como tradutoras do espírito de um povo, o termo remete ao desejo de independência absoluto e legal de um indivíduo ou uma cultura, povo ou nação. A beleza das meninas não é suficiente para apagar a carência. O orador constrói uma imagem de mulher centrada no universo físico e afetivo. Novamente, a questão dos afetos é primordial: num cenário encantador, o corpo bonito não esconde a melancolia existencial. Todo o esforço do orador para acentuar o caráter metonímico e metafórico se concentra no *habitus*, nas disposições interiores e exteriores do ser que retrata. O *ethos* que projeta é o de uma mulher sonhadora, que “*vê navios*” e sonha com outros lugares. É, então, por meio da *aposiopese* (a figura que precisa do auditório para ganhar sentido) que o poeta sustenta o argumento. Reboul (2004, p.127) afirma que essa figura é uma maneira de interromper a frase para que o auditório a complete: *Há meninas na Amazônia/ Que não sabem das loucuras/Que rolam na cidade*.

O auditório é remetido para outros discursos e a força metonímica contida em “loucuras” invalida de algum modo, o sonho de “liberdade”. À beleza, carência e o sonho de liberdade, o poeta interpõe a ingenuidade ribeirinha. O espaço interpretativo é todo do auditório que pode inferir livremente sobre o querer ser e o poder ser das mulheres ribeirinhas.

O passo argumentativo da confirmação se dá, sobretudo, pela *sinonímia* ou *metábole*, que consiste na repetição de ideias, característica das figuras de presença (Fiorin, 2014): *Há meninas na Amazônia/Que não sabem das loucuras/Que rolam na cidade/Há meninas na Amazônia/Que a gente não vê pela cidade/Há meninas na Amazônia*. “Amazônia”, ao longo do poema, foi retomada cinco vezes; “cidade”, quatro; “menina”, cinco vezes para destacar,

argumentativamente, a figura de identificação, a força da presença que se dá pela anáfora. O “não” enfático faz assomar uma característica do *ethos*: as meninas não sabem e não são vistas fora de seu habitat. *A seguir navios.../A seguir navios.../São o espírito de um povo...*

A rotina e o sonho se misturam metaforicamente. O ser sonhador traduz um povo. De acordo com Abreu (2009), a *metáfora* é uma comparação abreviada. Assim, a letra da canção, a todo o momento, compara a liberdade com “a metáfora de cativo”, com vistas a mostrar a busca pela liberdade por parte das mulheres, uma vez que lança mão de estratégias de defesa, centradas na concepção de vida, como luta, batalha e autonomia nas escolhas. Mas, não há aparente resistência ou luta. A imagem construída pela alegoria é a de um doce olhar que vislumbra, mas, como se nota pela figura de presença, resume-se em “a ver navios”, “a ver navios”. Essa passagem do tempo consolida a melancolia inicial e, de certo modo, destrói o encantamento. A ideia de tristeza, de languidez, de aspiração frustrada se impõe de modo potente e reiterado. A desesperança real se imiscui no sonho esperançoso de conhecer o que há nas cidades e em outras paisagens.

Como as meninas traduzem o espírito do povo, a letra da canção, “Meninas da Amazônia”, projeta um *ethos* de coletividade. Dessa maneira, as projeções do “eu” e do outro são postas em oposição. Se considerarmos o contexto físico e o contexto singularmente humano recuperado pelo poeta, pode-se, no plano interpretativo, verificar que a liberdade é um objetivo apenas vislumbrado pelas mulheres ribeirinhas, vez que enfrentam as limitações daqueles que vivem nas margens dos rios ou no interior das florestas.

Considerações Finais

As Figuras de Retórica analisadas na letra da canção de Zé Miguel idealizam um *ethos* concentrado na *definição*: o autor sugere características patéticas que realçam a simplicidade, a ingenuidade, e na forma onírica de ser e de estar no mundo ribeirinho.

As Figuras de Retórica quando usadas, saem do limite do *logos*, e por sua força expressiva, arrebatam o auditório para o *pathos*, esclarece Ferreira. (Ferreira, 2015, p. 105). As figuras de retórica *no poema* não atribuem uma voz à mulher, mas delineiam, pela visão do orador, uma imagem do *ethos* possível da mulher que vive na Amazônia. Por assumir um caráter argumentativo, o orador contribui para intensificar os argumentos (*logos*) identitários e, por meio do discurso laudatório (epidítico) ativa paixões (*pathos*) no auditório e suscita interpretações sobre um modo de ver e de sentir o mundo e o ambiente.

Referências

ABREU, A. S. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

FERREIRA, L. A. **Leitura e persuasão: princípios de análise retórica**. São Paulo: contexto, 2015.

FIORIN. J.I. **Figuras de retórica**. São Paulo: contexto, 2014.

MEYER, M. **A retórica**. Tradução Marli M. Peres. São Paulo: Ática, 2007a. (Série Essencial).

MIGUEL, Z. **Meninas da Amazônia**. 1990. In site letras, disponível em <https://www.letras.mus.br/ze-miguel/meninas-da-amazonia/>, 2019.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Tradução Maria Ermentina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

REBOUL, O. **Introdução a Retórica**. Tradução Ivone C. Benedetti, São Paulo: Martins Fontes, 2004.